

AS CONCEPÇÕES DE CORPO NA CONTEMPORANEIDADE E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS¹

Esdras Oliveira de Souza²

Manoel Alves de Araujo Neto³

RESUMO

O referido texto tem a proposta de discutir a estética do corpo dentro dos moldes da contemporaneidade, visando um dialogo entre às áreas de conhecimentos filosóficos e da Educação Física. A partir de então serão discutidos os conceitos de corpo belo e feio, que são impostos pela sociedade em diferentes contextos sociais e a influência do capitalismo nas relações sociais, bem como a sua interferência na própria relação do individuo com o corpo, onde o mesmo, atrelado a uma estética narcisista, é retificado sob uma posição subalterna durante o processo coisificação. Traçando uma linha de pensamento que perpassa o pensamento filosófico e a Educação Física, discute-se como o capitalismo aliena os indivíduos da sociedade contemporânea a buscar padrões de beleza estética voltados para o consumo. Esses padrões também servem para disseminar uma ideologia eurocêntrica e elitista, onde o corpo negro é visto com desprezo e símbolo da imperfeição humana. Ao tempo em que, os não-negros são tidos como exemplos de perfeição corporal a serem seguidos. Para tanto, este estudo será norteado com base nos estudos realizados por Silva (2009), Gonçalves e Azevedo (2008), Marx e Foucault. Sendo assim, este estudo apontará o capitalismo como ditador dos modelos estéticos da indústria cultural, pois o corpo é adestrado para se adequar as tendências sociais, que exigem uma perfeição e padronização do mesmo.

PALAVRAS CHAVES – Capitalismo, Corpo e Contemporaneidade

¹ Trabalho apresentado no IV Congresso Baiano de Pesquisadores Negros – GT Mídia e relações raciais.

² Discente do 5º semestre no curso de Licenciatura em Educação Física pela UFRB/CFP. Pesquisador do Grupo Unidos pela Educação e Trabalhos de orientação – GUETO- Bolsista Proext Mec/SeSu pelo projeto Construindo pelo Esporte.

³ Discente do 6º semestre do curso de licenciatura em Filosofia pela UFRB/CFP. Pesquisador do Grupo Unidos pela Educação e Trabalhos de orientação – GUETO-. Bolsista PROPAAE.

1. INTRODUÇÃO

O referido texto tem a proposta de discutir a estética do corpo dentro dos moldes da contemporaneidade, visando um diálogo entre às áreas do conhecimento filosófico e da Educação Física, que tem o corpo como um objeto a ser repensado. A partir de então, discutiremos os conceitos de corpo belo e corpo feio, que são impostos pela sociedade em diferentes contextos histórico-sociais, e como isso reflete nas relações étnico-raciais e na relação do indivíduo com o próprio corpo, uma vez que, quem não se enquadra nos padrões estéticos adequados é visto com inferioridade e desprezo, gerando assim ações de negação corporal e uma busca desenfreada pela perfeição narcisista do mesmo. Para tanto, o presente texto tomará como base os estudos realizados por Silva (2009), Gonçalves e Azevedo (2008), Marx e Foucault.

Sendo o símbolo marcante da existência humana, dotado de fascínio, sedução e/ou repúdio, o corpo, ainda é um tabu a ser quebrado nos discursos educacionais contemporâneos (Silva, 2009), visto que, é de fundamental importância entender a relação conflituosa que o indivíduo, fruto da sociedade contemporânea, tem com o seu próprio corpo e como isso se reflete nas relações sociais e interpessoais.

“Vivemos socialmente pelo corpo e é através dele que nos relacionamos, aprendemos, descobrimos e marcamos a nossa presença no mundo, pois esta é corporal” (SILVA, 2009). Nesse sentido, os indivíduos atrelados nessas relações sociais, buscam nos seus corpos afirmarem-se enquanto produto de um sistema narcísico, ao tempo que este mesmo sistema cria parâmetros seletivos, no qual a valorização da aparência torna-se peça fundamental para a aceitação e visibilidade corporal.

Para atender a essas necessidades momentâneas do corpo, os indivíduos se submetem às situações de alienação estética apresentadas pela mídia. Esta cria meios para enquadrá-los numa lógica social de beleza e, para atenderem a essa imposição corporal midiática, esses indivíduos, muitas vezes, expõe seus corpos a cirurgias estéticas para corrigirem “imperfeições”, fazem uso de anabolizantes esteroides nas academias, consomem produtos corretivos de beleza a fim de “matar” esse corpo feio para ressurgirem em corpos belos e fortes e serem socialmente aceitos. Nesse sentido, BRETON, 2006 (Apud GONÇALVES E AZEVEDO, 2008) afirma:

“A valorização contemporânea do corpo, então, idealiza um narcisismo utópico estabelecido por padrões de beleza concebidos por uma sociedade

alienada. Nesse sentido, a corporeidade [...], é socialmente moldável, ainda que seja vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Desse modo, os outros indivíduos contribuem para moldar os contornos de seu universo e dar ao corpo o relevo social que necessita. O corpo torna-se, então, um produto, um rascunho a ser corrigido, um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo, assim, a discricção da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo, ou seja, condição material da existência da vida no mundo” (BRETON, 2006, Apud GONÇALVES E AZEVEDO, 2008).

Nessa perspectiva, em busca do arquétipo da perfectibilidade do corpo ideal, os indivíduos, incorporando uma lógica consumista, são submetidos, enquanto objeto de manipulação da sociedade capitalista, a um processo de “coisificação”. Esta sociedade se apropria de meios midiáticos para coisificar esses indivíduos que são retificados, através do corpo, para reproduzirem modos de consumos preestabelecidos por uma ideologia dominante. Para tanto, este comportamento do corpo objeto obedece a regras ditatórias para a satisfação dessas pseudonecessidades, que vão sendo preenchidas à medida que se consome o que lhe é imposto. Dessa forma,

“O discurso midiático e os interesses mercadológicos por modelos de corpos ideais, para venderem seus produtos e sua ideologia, que é dominante, crescem constantemente, e o poder que gira em torno deste imaginário faz das pessoas reféns, até certo ponto, dessa ótica corpórea estereotipada. A mídia contemporânea vincula, na maioria das vezes, corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediados pelos interesses da indústria de consumo, utilizando um jogo de imagens para seduzir os indivíduos e transformá-los em potenciais consumidores de seus modelos de beleza e estética”. (Idem, p.125)

Mas afinal, quem são esses corpos “belos” e “feios” e como eles são construídos/desconstruídos socialmente?

O padrão de corpo belo torna-se alienável pela conjuntura social, que o doutrina, por regras ditatoriais e incorporam ações estereotipadas e homogêneas, culminando para o aparecimento de um biótipo ideal de corpo socialmente aceitável, excluindo e invisibilizando corpos que não se enquadram a esse modelo de corpo pré-estabelecido.

Contudo a aparência do corpo belo proporciona uma falsa sensação de sobrepujança perante o corpo feio, velando o sentido real incutido na essência dessa relação, que é marcada por um espírito competitivo. Este pensamento competitivo,

condicionado a sociedade contemporânea, reproduz os interesses do mercado capitalista que vai se beneficiando a medida que produz elementos que aguçam o imaginário dos indivíduos e os conduzem ao consumo de produtos que reforcem essa estética corporal.

Essa competitividade por corpos belos é justificada socialmente quando a qualidade pessoal dos indivíduos é interposta na associação com aparência física. Dessa forma,

“O corpo torna-se, então, a descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que o encarna. As qualidades dos homens são deduzidas da feição do rosto ou das formas de seu corpo e ditam seu caráter, havendo uma associação entre a pureza do visual e a pureza do coração. [...] Esse caráter disponível e provisório do corpo, sutilmente separado de si, mas colocado como o caminho propício para fabricar uma presença à altura da vontade do domínio dos seus atores, faz da anatomia não mais um destino, mais um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, redefinir e submeter ao design do momento. O corpo não é mais apenas, nas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível a muitos emparelhamentos.” (GONÇALVES E AZEVEDO, 2008, P. 124).

Nesse sentido, essa alienação cria um antagonismo em torno do real e o ilusório, aspectos que entram em conflito cotidianamente, pois as subjetividades desses mundos os conduzem a fins distintos. Dentro desse jogo alienante, os indivíduos perdem o sentido real da vida e são guiados por imagens do cotidiano que reproduzem uma realidade a típica, superficial e manipulada por um conjunto de normas e valores criados a partir do capital que, a cada dia torna-se mais necessário para o indivíduo que busca essa “perfeição corporal”.

Esses valores, de cunho preconceituoso e elitista, visam um padrão de corpo social eurocêntrico, onde a imagem corporal do indivíduo vale mais do que o seu caráter. Desse modo, dentro das relações étnico raciais, cria-se uma hierarquia social de valores e estética que serve para justificar a desvalorização de um “corpo feio” que precisa ser aniquilado, pois não atende aos interesses do capital. Esse “corpo feio” é construído social e politicamente com o intuito de disseminar uma cultura, um modo de ser e viver, que atenda a padrões elitistas e preconceituosos que não levam em consideração as subjetividades desses sujeitos. Dessa forma, valores de cunho preconceituosos são colocados como verdades absolutas e indestrutíveis. Assim,

“A apresentação física de si passa a valer socialmente como se fosse a apresentação moral: pessoas de traços fisionômicos finos, brancas, loiras e bem vestidas são vistas como de “boa índole”, angelicais, e a elas não seria atribuído nenhum tipo de preconceito ou crime, pois a composição de sua aparência aproxima-se do ideal produzido ideologicamente; por sua vez, as de traços contrários a esse modelo, estabelecido socialmente, seriam vistas como de “má índole”.(GONÇALVES E AZEVEDO, 2008, P. 123)

Assim, entende-se que, na contemporaneidade, existem padrões de corpos belos e feios, construídos socialmente e ancorados pelo capitalismo eurocêntrico que restringe, seleciona e condena as pessoas que estão fora desse padrão estético. A partir de então essa ideologia é transmitida pelos meios de comunicação em massa, principalmente a mídia audiovisual e, criam-se modelos estéticos a serem reproduzidos pelos indivíduos alienados e acríticos e destroem-se identidades que se distanciam desses padrões, criando assim uma segregação ideológica e estética.

Contrapondo a esta lógica de “perfeição corporal”, existem indivíduos que não se enquadram nesse perfil corpóreo. A estes indivíduos são atribuídos características pejorativas que determinam o “corpo feio”. Essas características seguem a determinações de valores estéticos e étnicos, frutos de uma sociedade conservadora e hierarquicamente dominante e, partir dessas concepções, os indivíduos incorporam fetiches como verdades únicas, deteriorando seus corpos para aceitação do outro. Esse corpo, tido como feio e indisciplinado, seria uma afronta às imposições do capital, pois, segundo Baptista.

“A revolta contra uma regra estabelecida é considerada um verdadeiro ato de agressão, não apenas contra a pessoa para a qual se dirige, mas para todo o corpo social. Afinal, dentro desse modelo de sociedade funcional, cada membro deve fazer a sua parte adequadamente, sob pena de não só afetar uma parte, mas o todo. Todavia, essa mensagem deve ser subliminar e não explícita, deve-se convencer as pessoas pela busca da saúde e do prazer, não demonstrando os interesses realmente presentes” (BAPTISTA, 2008, p. 1068).

Nas práticas corporais percebe-se também essa dinâmica de corpos como fruto de uma coisificação. Os indivíduos se aglomeram, por motivos similares e, através da influencia do esporte, por exemplo, tendem a reproduzir a mesma lógica de alienação da sociedade capitalista. A esse respeito, RODRIGUES (2005) afirma que:

“Os adeptos do esporte vão se aglomerar em lugares em que possam encontrar um outro que compartilhe de seus sentimentos de gosto por uma determinada técnica corporal. Diríamos também que o esporte é algo que unifica a todos no modo de usufruir o uso do tempo livre com os objetivos de produzir, reproduzir, e até destruir corpos e, porque não dizer, subjetividades. Isso pode ser algo revelador no sentido da compreensão dos motivos pelos quais o “homem-massa” gosta tanto de fazer determinados esportes”. (RODRIGUES, 2005, p. 6)

Segundo esse autor, o “homem massa”, termo utilizado por ele para o sujeito coisificado (massificado) tem uma relação de amor e ódio com o seu corpo. Essa relação, segundo o autor, é dada pelo fetiche que o corpo belo, produzido pelo capital, exerce sobre o sujeito coisa. À medida que o corpo belo torna-se dominante nessa relação, o sujeito coisa começa a despertar um ÓDIO de si mesmo e de seu corpo, por entender que o mesmo não se enquadra a um padrão estético aceitável e imposto socialmente e cria uma relação de AMOR por esse corpo belo. Nessa relação tem-se a destruição de um corpo imperfeito (corpo feio) e a construção de um corpo “perfeito” (corpo belo).

Entende-se então que, na verdade, esse perfil ou modelo de corpo belo está presente em praticamente todos os segmentos da sociedade contemporânea, principalmente nos que são vistos pelo mercado capitalista como potencial fonte de lucro e disseminação de sua hegemonia. Sendo assim o esporte, entendido como fruto da modernidade, transmite e reforça esses ideais de perfeição corporal a medida que se quebram recordes olímpicos, superam-se obstáculos e potencializa-se movimentos, dando a ideia de que o corpo humano pode e deve superar-se a si mesmo na busca pela perfectibilidade, criando assim o fetiche por esse corpo vencedor e aceito socialmente.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, diante do que foi exposto, entende-se que a sociedade contemporânea, em sua totalidade, é marcada por uma grande influencia do capitalismo, ao tempo em que este, cria, recria e/ou destrói padrões e ideais de beleza nos indivíduos. Assim, entende-se que, na contemporaneidade, existem padrões de corpos belos e feios, construídos socialmente e ancorados por padrões eurocêntricos que restringe, seleciona e condena as pessoas que estão fora desse padrão estético. A partir de então essa ideologia é transmitida pelos meios de comunicação em massa, principalmente a mídia audiovisual e, criam-se modelos

estéticos a serem reproduzidos pelos indivíduos alienados e acríticos e destroem-se identidades que se distanciam desses padrões, criando assim uma segregação ideológica e estética.

No tocante às práticas corporais, em especial o esporte, percebeu-se um grande investimento do mercado capital através da influência midiática, visto que, o esporte unifica as massas (RODRIGUES, 2005) e passa a sensação de realização pessoal desses indivíduos por acharem que estão superando suas fraquezas, quando, na verdade, estão apenas atendendo interesses do capital selvagem que os alienam por meio de seus agentes de disseminação ideológica.

Nas relações étnico-raciais percebe-se uma hierarquização estética, fruto de um processo de construção histórico, social e cultural e político, no qual as pessoas etnicamente negras são vistas em seus corpos de forma inferior as “não negras” sendo-as desprezadas quando assumem suas raízes e identidades negras. Por fim, sugerem-se maiores discussões sobre esses padrões estéticos construídos na contemporaneidade, principalmente nos cursos de formação de professores, pois os mesmos precisam estar respaldados para debaterem essas questões dentro e fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIA

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Da disciplina do corpo e educação física: notas para entender algumas relações sociais.** Revista Pensar a Prática. Goiânia V.15. Nº4. Out/Dez 2012. P. 1061-1075.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir.**

GONÇALVES, Andéia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. **O corpo na contemporaneidade: A Educação Física pode Ressignificá-lo?** Maringá. Ed.: Rev. da Educação Física/UEM. V. 19. N. 1. 2008. P. 119-130.

MARX, Karl. *O capital.*

RODRIGUES, Rogério. **O desafio do homem massa nas práticas corporais esportivas: Uma relação de Amor e de Ódio.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 27, n. 1, p. 153-165, set. 2005.